

Capítulo XXXIII - ELOGIOS QUE VALEM UM PRÊMIO NOBEL

Excetuando-se as obrigações atribuídas a corporações públicas, o ato de tentar salvar pessoas em situações críticas é uma iniciativa de natureza voluntária. Ao final de um resgate, mesmo que a vítima esteja aparentando boas condições, não é esperado que ela agradeça à pessoa responsável pelo seu salvamento. Quem presta o socorro deve estar ciente de que dificilmente será homenageado na incomparável dimensão dos seus atos de bravura. Viverão, quase sempre, na galeria dos heróis anônimos.

No entanto, em raras ocasiões, a mídia, exercendo uma das suas funções de divulgar as relevantes situações de solidariedade com o próximo, consegue reunir, alguns dias depois de um trágico evento, a vítima e seu salvador, dando a oportunidade para que a primeira expresse o seu sincero agradecimento ao segundo, por ter se arriscado na operação de resgate.

Nas dezenas de casos de pessoas em estado de afogamento que retirei do mar em Ipanema, poucas tiveram a iniciativa de agradecer a mim, aos amigos e aos salva-vidas que participaram dos resgates. Esbaforidas ou em estado físico mais grave, necessitando atendimento urgente, costumam ser recebidas na areia por familiares e amigos que acompanhavam o salvamento e são levadas imediatamente para a recuperação, inclusive emocional.

No entanto, não posso negar que, quando recebia um “muito obrigado” ou um silencioso aperto de mão do afogado, sentia um estímulo para me expor em outros episódios de risco de morte vividos por pessoas no mar traiçoeiro.

Precisando decidir entre sair da sala do Departamento Médico ou permanecer naquele ambiente macabro, esperando por uma improvável chegada do corpo de Ana, preferi retornar ao cais para refletir a respeito do que faria em seguida.

Capítulo XXXII - ELOGIOS QUE VALEM UM PRÊMIO NOBEL

Já do lado de fora, eu mergulhara em uma fase de reflexão, com meus pensamentos direcionados para a sequência das dificuldades que começara a encarar, a partir do momento que pisara em terra firme. O barulho dos carros e o incessante movimento das pessoas não eram suficientemente intensos a ponto de interferir na minha concentração.

De repente, vindo daquela imensa confusão, uma mulher se posicionou bem à minha frente, fazendo com que eu voltasse à realidade e tornando inevitável que os nossos olhares se cruzassem. Ela não vestia qualquer tipo de uniforme que a identificasse como membro das equipes de socorristas. No entanto, o seu cabelo, embora penteado, parecia úmido.

A mulher tomou a iniciativa de iniciar um diálogo e perguntou se eu estava lá, demonstrando uma certa intimidade com o tenebroso naufrágio, pois referiu-se a ele na forma de um simples advérbio. Sem compreender, ainda, a razão da pergunta, eu respondi afirmativamente. E, para a minha surpresa, ela disse que também estava lá. Pude entender, então, a condição dos cabelos ainda molhados, embora as roupas que ela vestia estivessem secas, ao contrário das minhas.

Em seguida, ela, olhando firme no meu rosto, pronunciou palavras que me fizeram renovar o ânimo, pela forma carregada de sinceridade e de efusivo reconhecimento: eu a havia salvado duas vezes no naufrágio e que, por todo o esforço que demonstrei, não esqueceria de mim, enquanto vivesse. Além disso, para consolidar a promessa que acabara de fazer, perguntou o meu nome e agradeceu mais uma vez, pelo que eu havia feito no mar por ela durante aquele longo acontecimento dramático.

Como durante o salvamento eu mencionei, por mais de uma vez, que estava procurando a minha namorada, a mulher perguntou se havia conseguido alguma notícia dela. Diante da minha resposta negativa, ela disse que estava preocupada com o seu marido, pois não tinha obtido notícias desde que chegara em terra firme. Trocamos então os nomes das pessoas queridas que procurávamos, bem como os tipos e cores das roupas que estavam usando durante a festa e prometemos que ficaríamos atentos para tentar identificá-las e comunicar que havíamos sobrevivido, estando à procura delas.

Capítulo XXXII - ELOGIOS QUE VALEM UM PRÊMIO NOBEL

Antes de se despedir, a mulher me passou uma informação valiosa que logo renovou a minha expectativa de encontrar Ana com vida. Segundo ela, muitos sobreviventes haviam desembarcado no restaurante Sol & Mar, de onde o Bateau Mouche havia partido.

Ela já tinha estado lá, mas não encontrou o marido. Incentivou-me a ir até o local, pois eu deveria manter a esperança de encontrar a minha namorada. Concordei com a recomendação, embora estivesse muito cético em relação a essa possibilidade. Afinal, na área do naufrágio, além do Casablanca que me resgatou, somente a traineira apareceu para socorrer os náufragos e eu, por duas vezes, tentei localizar Ana na embarcação, sem sucesso.

Diante dessa informação que recebi da mulher, eu precisava decidir se permanecia no Iate por mais um tempo, considerando a possibilidade de que mais vítimas fatais desembarcariam no local, ou se me agarrava imediatamente ao novo fiapo de esperança para encontrar Ana viva, que a mulher acabara de colocar em minhas mãos.

Antes de tomar a decisão em relação aos meus próximos passos, iniciei uma reflexão sobre como aquela mulher, que eu havia salvado duas vezes, conseguiu me reencontrar no tumulto reinante no píer do clube. Sem dúvida, algo extraordinário havia acontecido ali, muito mais representativo do que uma simples coincidência.

Eu tinha passado por um martírio pessoal para localizar a minha namorada viva no mar, e agora, ele se prolongava ao buscar pelo seu corpo em terra. Por que razão eu teria decidido optar pela saída do improvisado necrotério justamente no momento em que a mulher, que eu não reconheci de imediato, postou-se, subitamente, na minha frente no cais? O que a levou a iniciar um diálogo comigo, sem ter certeza de quem eu era, e, no final dos sinceros agradecimentos pelo salvamento, me acenar com a possibilidade de encontrar a minha namorada no restaurante, quando eu já experimentava uma completa descrença de revê-la com vida? Atribuí a Deus a criação daquele momento extremamente improvável de ocorrer nas condições em que ele se deu.

Capítulo XXXII - ELOGIOS QUE VALEM UM PRÊMIO NOBEL

Além disso, as palavras de agradecimento que a mulher me endereçou carregavam um incrível tom de sinceridade e contagiaram de forma positiva o meu estado emocional. Na minha mente, deu-se início a um processo de superação do enraizado ceticismo em encontrar Ana viva, ao mesmo tempo em que se consolidava a decisão de que não deveria ficar mais ali, e sim, de deslocar-me logo para o restaurante Sol & Mar.

Havia um outro aspecto que ganhara relevância, após tomar conhecimento de que naufragos haviam desembarcado no restaurante. Ao ser obrigado a comunicar aos pais de Ana sobre o seu desaparecimento no mar, eu carregaria uma espécie de remorso, caso não incluísse na narrativa o fato de que havia chegado, também, essa última possibilidade de que a filha tivesse sobrevivido.

Com as cenas no cais se alterando com muita frequência, a minha decisão em deixar o Iate dependia de avaliar a situação na portaria do clube e se estava normal o trânsito na Avenida Pasteur que ligava o Iate ao Sol & Mar. Em condições de grandes tragédias, as autoridades costumam bloquear os acessos ao local do desastre, com o intuito de dar preferência ao fluxo de veículos de transporte das equipes de socorro e de vítimas.

Decidi, então, que caminharia entre a confusão no cais para acessar a rua e verificar a possibilidade de chegar ao restaurante.